

## **EDUCAÇÃO FÍSICA E COEDUCAÇÃO: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA\***

**Lara Félix Jacoby**

larafel@gmail.com

**Silvana Goellner**

vilodre@gmail.com

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)**

### **RESUMO**

O estudo investiga a Educação Física do Colégio Militar de Porto Alegre. Tem como base os estudos de gênero e a legislação dos Colégios Militares. Metodologia: história oral, grupos focais e observações. Objetivos: 1) Descrever a transição de turmas separadas para turmas mistas no 6º e no 7º anos. 2) Apresentar as percepções de alunos/as do 2º ano do Ensino Médio sobre a coeducação. 3) Analisar as pessoas que os/as jovens admiram. Conclui-se que ainda não há uma prática efetiva de coeducação.

### **PALAVRAS-CHAVE**

*Educação Física. Escola. Coeducação*

O presente estudo tem por objetivo investigar a disciplina de Educação Física (EF) utilizando o gênero como categoria de análise. Para Scott, é “a forma primária de dar significação às relações de poder” (1995, p. 86). Goellner (2010) entende como “uma condição social por meio da qual nos identificamos como masculinos e femininos” (p. 75).

A coeducação se refere a um modo de gerenciar as relações de gênero na escola mista, buscando questionar e reconstruir as ideias sobre o feminino e sobre o masculino (AUAD, 2006). O local escolhido para o estudo foi o Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), uma escola masculina até o ano de 1989, quando da entrada das primeiras alunas (CARRA, 2014).

A metodologia se baseou em entrevistas individuais, em grupos focais e em observações de aulas no ano de 2018. A fundamentação teórica se localiza nos estudos de gênero da EF bem como na legislação que rege o Ensino por Competências dentro do Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB). Os dados empíricos foram analisados a partir de três objetivos.

\* O presente trabalho (não) contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



## OBJETIVO 1: A TRANSIÇÃO

Para atingir este objetivo, foram realizadas entrevistas com 3 professores e uma professora que fazem parte do CMPA desde a inserção das primeiras alunas, bem como observações às turmas de 6º e de 7º anos do Ensino Fundamental (EF).

Conforme o que foi coletado nas entrevistas, o CMPA mantinha a separação dessas turmas pelos marcadores de sexo e de altura unicamente por escolha dos próprios docentes de EFI, não havendo determinações documentais para isso. Acreditavam, na época em que sugeriram essa composição de turmas, que a suposta homogeneidade (mesmo sexo e altura similar) seria mais conveniente para desenvolver os conteúdos, voltados à aquisição das habilidades técnicas dos esportes.

O documento que rege o ensino dentro do SCMB, que data do ano de 2011, traz referências específicas no sentido de incentivar a interação, a contextualização e combater a discriminação por “características pessoais, físicas, sexuais ou sociais” (PSD, 2011, p. 06). Sendo assim, a organização destas turmas começa a ser questionada no fim do ano de 2017 e, já no início de 2018, elas passam a ser mistas.

Nenhum dos/a docentes entrevistados/a se posicionaram contra a modificação e, inclusive, a entendem como importante, o que evidencia a fala do professor Arthur:

Eu acho que não tem como ser separada né? Mas nós estamos vivendo uma situação nova... A gente tem que pensar, a gente tem que refletir sobre algumas práticas [...] é difícil, é uma mudança de paradigma na cabeça também, afinal de contas são vinte e tantos anos fazendo do mesmo jeito (25/05/2018, p. 07).

No que diz respeito às observações das turmas de 2018 (mistas), ficam explícitas diferenças na ocupação de espaços e no protagonismo durante as aulas. Em geral os meninos se posicionam como “donos” da aula e as meninas como coadjuvantes, demonstrando maior timidez e medo de cobrança tanto por parte de colegas quanto de professores/as.

A diferença nas oportunidades de práticas corporais dadas às meninas e aos meninos desde uma idade muito jovem é o ponto que surge como responsável por tais diferenças nas aulas de EFI. Em discussão trazida por Cruz e Palmeira (2009), isso fica claro ao se pensar o quanto os meninos são incentivados a praticar brincadeiras mais agressivas e mais livres. As meninas, ao contrário, são desencorajadas de expor, arriscar e desafiar seus corpos. O tratamento diferenciado que se dá a meninos e meninas possibilitará o desenvolvimento de um repertório motor possivelmente desfavorável a elas. A diferença de oportunidades para as práticas seria o verdadeiro ponto a ser discutido, já que não há como gostar de algo a que não se teve acesso (ALTMANN, 2014).

## OBJETIVO 2: AS ESCOLHAS

Do 8º ano do EF ao 3º ano do Ensino Médio (EM), os discentes têm a oportunidade de escolher as modalidades esportivas que querem praticar na EFI regular, podendo haver turmas mistas. É comum notar que os alunos se direcionam para um tipo de atividade e as alunas para outro. No intuito de investigar os porquês de isso ocorrer, foram realizadas 6 entrevistas dentro de grupos focais com 21 alunas e 7 alunos do 2º ano do EM. A participação discente foi voluntária e o convite foi feito apenas nas turmas de futebol, na qual havia 32 alunos e uma aluna; atividades físicas (práticas de academia), com 32 alunas e um aluno e basquete, com 10 alunos e 9 alunas.

Ao analisar as informações, foi possível dividi-las em duas categorias para análise e discussão:

“Escolhi porque gosto”: Todos os alunos entrevistados (7) responderam com tranquilidade que estavam na modalidade que gostavam. Das alunas, 7 deram essa resposta, entre elas a única aluna da turma de futebol.

As observações às aulas apontam que ela tem medo de se expor e de realmente participar dos jogos e acaba por se posicionar de maneira que não receba a bola. Quando questionada sobre sua postura, ela afirma ter receio do julgamento dos colegas, ainda que eles demonstrem disposição em incluí-la nos jogos. Porém, tendem a tratá-la de maneira diferente e, conforme a percepção da própria aluna, “não jogam de verdade” com ela.



“Não me restou outra opção”: Resposta dada por 9 alunas, em sua maioria da turma de atividades físicas. Elas relatam não ter afinidade com nenhum esporte e que se sentem inseguras ou incapazes de praticá-los. Afirmaram que nesta turma não há a obrigação de fazer “certo”, ou seja, elas se sentem livres para arriscar e errar, já que, por ser uma atividade individual, não haverá cobrança dos colegas.

A exploração do objetivo 2 trouxe à tona as representações dos/as jovens sobre o esporte que, segundo Goellner (2008), tem um caráter generificado e generificador e as significações que circundam esse universo foram construídas em torno da masculinidade.

Dornelles (2018) problematiza as “tramas escolares e discursivas” nas quais as meninas constituem-se como um grupo com maiores dificuldades de participação e aprendizagem, construindo uma ideia de feminilidade passiva e estática ou de uma “feminilidade problema”. As meninas seriam o outro, a diferença, porque é em relação à masculinidade “forte e ativa” que elas são colocadas. A autora explora essa lógica de oposição entre uma masculinidade “forçada e enérgica” e uma feminilidade “lerda e apática”. Esse é o subliminar trazido pelos/as jovens para as aulas e expressos nas entrevistas.

### OBJETIVO 3: AS REFERÊNCIAS

Este objetivo surgiu durante a coleta e foi instigado pela importância que os/as jovens deram à última pergunta do roteiro de entrevista utilizado nos grupos focais: “Um homem e uma mulher que você admira e que não admira e por quê?”. As respostas, em geral, ocuparam um espaço significativo das entrevistas e expressaram informações que foram divididas em 5 categorias para discussão:

Mães: Os motivos se relacionam à luta dessas mulheres para criar os filhos e para, ao mesmo tempo, buscar suas aspirações pessoais e profissionais. Segundo Meyer (2005), a mãe “se desfaz em múltiplos [sendo a] principal produtora de cuidado, educação e saúde de suas crianças” (p. 88).

Pais: São admirados pela capacidade de vencer adversidades e de “crescer na vida” por seus próprios esforços.

Figuras políticas: A militância é muito admirada e personalidades como Marielle Franco, Malala, Luther King e Mandela surgem como os mais citados. Destes, a maioria teve sua luta ligada aos direitos dos negros, o que permite discutir a importância do marcador etnia para a educação. A documentação do SCMB prevê que se trabalhe esta questão:

[a educação deve atentar para] a Lei nº 11.645 de 2008, incluindo diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, como por exemplo: o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil [...] (PSD, 2011, p. 03)

Professores/as: Falam de docentes que são capazes de lutar pela igualdade sem que, para isso, tenham que romper com as regras. Admiram aqueles/as que tomam para si as lutas que não necessariamente se relacionam com as suas, como um professor homem que dá valor ao feminismo, por exemplo.

O feminismo surge como justificativa para a admiração também nas categorias supracitadas (mães, pais, personalidades famosas). Adichie (2016) apresenta de maneira didática o que são as “ideias feministas”. Ela afirma que se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal e que, por isso, precisamos questionar entendimentos tidos como óbvios apenas baseados em marcadores biológicos. Na aula de Educação Física isso se expressa, por exemplo, quando se prejudica o desenvolvimento de habilidades ditas masculinas em meninas ou vice-versa.

Não admiram: Nesta categoria, optam por falar sobre características vistas tanto em homens quanto em mulheres que não admiram. Entretanto, a quantidade de homens citados foi maior do que a de mulheres, o que faz com que os grupos discutirem questões relacionadas à masculinidade e ao machismo. A fala da aluna Joana, de 16 anos é objetiva em dizer: “Preconceito não tá mais na moda” (18/04/2018).



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As referências sobre o tema da coeducação são numerosas, no entanto, as autoras em cujos estudos me baseei exploram o entendimento de que não basta uma escola ser mista para ela ser coeducativa (AUAD, 2006; CARRA, 2014).

Meninos e meninas são criados/as de maneira diferente e isso não seria um problema se não limitasse o desenvolvimento tanto de uns quanto de outros. Do mesmo modo que elas não recebem muito incentivo para a prática de esportes representados como não condizentes com o ideal *feminino*, eles também são ensinados a se afastarem de práticas corporais consideradas inapropriadas ao *masculino*. As alunas e os alunos têm direito de acesso a todos os elementos da cultura corporal: jogos, brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas, os quais fazem parte do Plano de Sequências Didáticas do Sistema Colégio Militar do Brasil (PSD, 2011). Além disso, as relações entre alunos/as precisam ser mediadas pelo/a professor/a que deverá possibilitar a participação e também o protagonismo a todos e todas de maneira igualitária.

Os resultados encontrados e a discussão com base na literatura revisada permitem concluir que a Educação Física do CMPA ainda não é um espaço no qual se desenvolva uma prática efetiva de coeducação. O Exército Brasileiro, que rege a educação nos treze Colégios Militares do Brasil, é uma instituição mista desde a sua base até a sua principal escola de formação (a Academia Militar das Agulhas Negras, que permitiu a entrada das primeiras alunas em 2018), o que implica afirmar que há urgência no trato com o tema.

## PHYSICAL EDUCATION AND COEDUCATION: PERCEPTIONS OF A PUBLIC HIGH SCHOOL'S STUDENTS.

### ABSTRACT

*The article investigates the Physical Education in the Military School of Porto Alegre.*

*Theoretical basis: gender studies and Military Schools' legislation. Methodology: Oral History, Focus Groups and observations.*

*Conclusion: there's still no effective co-educative practice.*

**KEYWORDS:** *Physical Education. School. Coeducation.*

## EDUCACIÓN FÍSICA Y COEDUCACIÓN: PERCEPCIONES DE ESTUDIANTES DE LA ENSEÑANZA MEDIA DE UNA ESCUELA PUBLICA.

### RESUMEN

*El estudio investiga la Educación Física en el Colegio Militar de Porto Alegre. Tiene como base los estudios de género e la legislación de los Colegios Militares. Metodología: historia oral, grupos focales y observación. Conclusión: no hay ainda una práctica efectiva de coeducación.*

**PALABRAS CLAVES:** *Educación Física. Escuela. Coeducación.*



## REFERÊNCIAS

- ALTMANN, Helena. Gênero e esporte na escola: reflexões a partir da declaração de Brighton sobre mulheres e esporte. *Rev do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero*. Ano IV, n. 6. Brasília, 2014.
- ADICHIE, Chimamanda. *Sejamos todos feministas*. Companhia das Letras, 2014.
- AUAD, Daniela. A coeducação como política pública: a manutenção da escola mista com o advento da igualdade de gênero. *Cad Espaço Feminino*, v. 16, n. 19, jul/dez 2006.
- BRASIL. Ministério da Defesa, EB. *Plano de Sequências Didáticas – 6º ano*. Brasília, 2011.
- CARRA, Patrícia R. A. Baleiros e baleiras no velho casarão: coeducação ou escola mista no Colégio Militar de Porto Alegre? (RS - 1989 a 2013). Porto Alegre, 2014.
- CRUZ, Marlon; PALMEIRA, Fernanda. Construção de identidade de gênero na EFI Escolar. *Motriz*, Rio Claro, v.15, n.1, p.116-131, jan./mar. 2009.
- DORNELLES, Priscila Gomes. A feminilidade como problema na Educação Física Escolar: notas a partir da separação de meninos e meninas. *Práticas corporais, cultura e diversidade*. Marta Genú, Meriane P. Abreu e Carla L. Teixeira (orgs). Belém/PA. UEPA, 2018.
- GOELLNER, Silvana. A cultura fitness e a estética do comedimento: as mulheres, seus corpos e aparências. *In: Cristina Stevens e Tânia N. Swains (Orgs). A construção dos corpos: Perspectivas feministas*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2008, p. 245-260.

